

HERMAN MELVILLE

FICÇÃO CURTA COMPLETA

Tradução do inglês (Estados Unidos da América)
por Virgílio Tenreiro Viseu



Índice

Os Contos da <i>Piazza</i>	9
<i>A Piazza</i>	11
Bartleby, o Escrivão	28
Benito Cereno	69
O Homem do Pára-raios	160
As Encantadas ou Ilhas Encantadas	168
A Torre Sineira	229
Histórias e Esboços Dispersos	247
Fragmentos de uma Escrivaninha	249
Episódios Autênticos do «Velho Zack»	266
Hawthorne e os Seus Musgos	287
O Fracasso Feliz	307
O Violinista	316
<i>Cock-a-Doodle-Do!</i>	323
O Pudim do Pobre e as Migalhas do Rico	350
Os Dois Templos	367
O Paraíso dos Bacharéis e o Tártaro das Donzelas	383
Jimmy Rose	409
Os 'Gees	422
Eu e a Minha Chaminé	430
A Mesa de Macieira	463
John Marr	488
Billy Bud, Marinheiro	497



A Piazza

«Com as mais lindas flores,
Enquanto o Verão dura e eu aqui vivo, Fidele...»

Quando me mudei para o campo, foi para ocupar uma casa antiga de uma quinta, que não tinha *piazza*⁽¹⁾ – uma falha ainda mais lamentada porque não só eu gostava de *piazzas*, como aquilo combinava o conforto do interior de uma casa com a liberdade que existe ao ar livre e é tão agradável inspeccionar o nosso termómetro ali, mas o campo em redor era um quadro tal que, na altura das bagas, nenhum rapaz trepa uma colina ou atravessa um vale sem se deparar com cavaletes plantados em cada recanto e com pintores bronzeados pelo sol, a pintarem por ali. Um autêntico paraíso dos pintores. O círculo das estrelas recortado pelo círculo das montanhas. Pelo menos, assim parece, visto da casa; apesar de, uma vez nas montanhas, não se ver nenhum círculo delas. Tivesse este lugar sido escolhido a vinte e cinco metros daqui e este anel encantado não teria existido.

A casa é velha. Há setenta anos, do coração das Hearth Stone Hills⁽²⁾ eles extraíram a Caaba, ou Pedra Sagrada, até à qual, em cada Dia de Acção de Graças, os peregrinos sociais costumavam convergir. Há tanto tempo que, ao escavarem as fundações, os operários usaram tanto a espada como o machado, combatendo os Trogloditas daquelas partes subterrâneas – raízes resistentes de uma madeira resistente,

(¹) Estrangeirismo, no original. Nesta acepção significa «varanda, terraço». (N. T.)

(²) O nome significa, literalmente, «Colinas da pedra da lareira» (N. T.)



acampadas naquilo que é agora um longo desmoronamento de um prado adormecido, a deslizar para longe desde a minha cama de papoilas. Daquele bosque cerrado, só um sobrevivente se mantém de pé – um ulmeiro, solitário graças à firmeza.

Quem quer que construiu a casa, fê-lo melhor do que ele próprio soube; ou então Oríon, no zénite, apontou-lhe a sua flamejante espada de Dâmocles, lá para baixo, numa noite estrelada, e disse-lhe, «Constrói aí». Porque, de outro modo, como poderia ter entrado na cabeça do construtor, quando se estava a abrir a clareira no local, que uma tal perspectiva púrpura iria ser sua? Nada menos que Greylock⁽³⁾, com todas as suas colinas em seu redor, como Carlos Magno entre os seus pares.

Ora, para uma casa assim, situada num campo daquele género, não ter uma *piazza* para a conveniência daqueles que possam desejar banquetear-se com aquela vista, demorando-se e empregando toda a calma com aquilo, parecia tanto uma omissão como no caso de uma galeria de quadros que não tenha um banco; pois o que serão os salões de mármore destas mesmas colinas calcárias senão galerias de quadros? Galerias que expõem, mês após mês, novos quadros que se desvanecem permanentemente e se transformam noutros quadros, permanentemente novos. E a beleza é como a piedade – não podemos lê-la a correr; hoje em dia, além de uma cadeira confortável, é necessário tranquilidade e constância. Pois ainda que, antigamente, quando a reverência, e não a indolência, estava em voga, os devotos da Natureza costumassem, sem dúvida, permanecer de pé e adorar – mesmo como os adoradores de um Poder superior faziam nas catedrais desses tempos –, porém, nestes tempos de fé em declínio e de joelhos fracos, nós temos a *piazza* e o banco da igreja.

Durante o primeiro ano da minha residência, para testemunhar mais vagarosamente a coroação de Carlos Magno (quando o clima o permite, eles coroam-no a cada nascer e a cada pôr-do-sol), escolhi para mim, na encosta de uma colina pouco distante, um salão real de turfa – um salão de veludo verde, com um longo encosto acolchoado com musgo; enquanto que, no topo, de um modo bastante estranho, cresciam ali (por razões heráldicas, suponho) três penachos de violetas azuis num

⁽³⁾ O monte homónimo, no Massachusetts Ocidental. (N.T.)



campo prateado de morangos silvestres; e eu dispus uma latada, com madressilva, como dossel. Um salão assaz majestoso. Tanto assim que, tal como aconteceu à reclinável majestade da Dinamarca no seu pomar, fui invadido por uma astuta dor de ouvidos. Mas se, por vezes, as humidades abundam na Abadia de Westminster, por esta ser tão velha, porque não dentro deste mosteiro de montanhas, que é ainda mais velho?

Era preciso ter uma *piazza*.

A casa era ampla – a minha fortuna exígua; por isso, construir uma *piazza* panorâmica, que fosse circular, não podia ser – apesar de, tendo considerado o assunto com regra e esquadro, os carpinteiros estarem, do modo mais bondoso possível, deveras ansiosos para gratificarem os meus desejos mais extremos, esqueci-me a quanto por pé.

Em todos menos num dos quatro lados, a prudência iria conceder-me aquilo que eu queria. Ora, qual desses lados seria?

Para leste, aquele longo campo das Hearth Stone Hills, que se desvaneciam, muito distantes, na direcção de Quito; e a cada Outono um pequeno floco branco de algo a espreitar de repente, de uma manhã ligeiramente fria, vindo do penhasco mais alto – o cordeiro recém-caído da estação, o seu tosão mais precoce; e, depois, a alvorada do Natal, panejando aquelas terras altas escuras e castanhas com *tartans* e padrões axadrezados de barras vermelhas – uma vista agradável desde a vossa *piazza*, aquela. Uma vista agradável; mas para norte fica Carlos Magno – não é possível ter as Hearth Stone Hills com Carlos Magno.

Bom, o lado sul. Ali há macieiras. Numa manhã morna do mês de Maio, é agradável sentarmo-nos e vermos aquele pomar com rebentos brancos, como numa festa de núpcias; e, em Outubro, um pátio de arsenal verde; com grandes pilhas de projecteis corados. Muito bonito, admito. Mas para norte fica Carlos Magno.

Olhem, o lado ocidental. Um pasto num planalto, uma vereda que se afasta para dentro de um bosque de carvalhos, no topo. É doce, no início da Primavera, identificar na vertente da colina, de outro modo cinzenta e despida – identificar, digo, os caminhos mais velhos nos seus vestígios de verde mais precoce. É deveras doce, não posso negá-lo; mas para norte fica Carlos Magno.

Deste modo, Carlos Magno levou a melhor. Não foi muito depois de 1848; e, de certo modo, por volta dessa altura, no mundo inteiro, estes reis tinham o voto decisivo e votaram neles próprios.



Logo que a obra começou, toda a vizinhança, em particular os vizinhos ricos, também começaram – a rir-se. «Uma *piazza* virada a norte! Uma *piazza* de Inverno! Desejos de meias-noites de Inverno, para observar a Aurora Boreal, suponho eu»; «espero que ele tenha uma boa reserva de agasalhos e de luvas polares».

Isso foi no leonino mês de Março. Os narizes azulados dos carpinteiros não estão esquecidos, nem como perscrutaram a inexperiência do homem da cidade que queria construir a sua única *piazza* virada a norte. Mas Março não dura para sempre; alguma paciência e chega o mês de Agosto. E, então, sob o frio elísio do meu caramanchão setentrional, eu, Lázaro no peito de Abraão, lancei pela colina abaixo um piedoso olhar de soslaio sobre o pobre velho rico, atormentado no purgatório da sua *piazza* virada a sul.

Mas mesmo em Dezembro, esta *piazza* virada a norte não repele – por muito cortantemente fria e ventosa que possa ser e com o vento norte a soprar sobre a neve, tornando-a na mais fina das farinhas como um moleiro qualquer –, pois então, mais uma vez, com a barba coberta de geadas, eu passeio pelo convés coberto de granizo, resistindo à tempestade do cabo Horn.

Também no Verão, aqui sentada, como Canuto, uma pessoa recorda-se amiúde do mar. Pois não só longas vagas de terreno embalam o trigo enviesado, também pequenas ondas de erva se propagam sobre a *piazza* baixa, como se esta fosse a praia delas, os dentes-de-leão desfeitos são soprados como os borrifos, a cor púrpura das montanhas é a mesma púrpura das grandes vagas e a quietude de um meio-dia de Agosto cisma sobre os prados profundos, como uma calma sobre a linha do horizonte; mas a vastidão e a solidão são tão oceânicas, e o silêncio e a uniformidade também, que o primeiro vislumbre de uma casa estranha, a erguer-se além das árvores, é, para o mundo inteiro, como espiar uma vela desconhecida na costa da Berbéria.

E isto lembra a minha viagem terrestre até ao país das fadas. Uma viagem verdadeira; mas, levando tudo em conta, tão interessante como se tivesse sido inventada.

Um objecto incerto que eu apanhara da *piazza* escondeu-se misteriosamente, ao que tudo indicava, numa espécie de bolso do lenço arroxeadado, bem alto, numa cavidade afunilada ou num ângulo afundado, entre as montanhas do Noroeste – porém, não se podia



A PIAZZA

determinar se aquilo era realmente numa das encostas ou num topo da montanha; porque, ainda que visto de pontos favoráveis, um cume azul, espreitando por cima, bastante atrás das restantes, irá, por assim dizer, falar convosco sobre os topos destas e dizer-vos claramente que, apesar de (o cume azul) parecer estar no seio das anteriores, ele não é uma delas (Deus nos livre!) e, de facto, gostaria que soubessem que ele se considera – tal como, verdade se diga, tem legítimo direito a fazer – superior a elas por vários cúbitos, não obstante algumas cordilheiras aqui e ali em filas duplas, como acontece nos pelotões, assim se amparem e sigam umas às outras, com as suas alturas e formas irregulares, de modo que, desde a *piazza*, uma montanha mais baixa e mais próxima irá, na maior parte dos estados atmosféricos, eclipsar-se a si própria à distância, transformando-se numa montanha mais alta e mais distante; que um objecto sombrio na crista da anterior irá, por tudo isto, parecer estar aninhado no flanco da última. Estas montanhas, de certa forma, jogam às escondidas e fazem tudo isto em frente dos nossos olhos.

Mas, seja como for, a mancha em questão estava, em todo o caso, situada de modo a ser somente visível, e apenas vagamente, em certas condições fascinantes de luz e de sombra.

De facto, durante um ano ou mais eu não soube que existia tal lugar e talvez pudesse nunca tê-lo sabido, se não fosse uma excelente tarde de Outono – no fim do Outono –, a tarde de um poeta louco; quando os transformados bosques de carvalhos silvestres, na ampla bacia abaixo do meu lugar, tendo perdido os seus primeiros matizes de vermelho vivo, devidamente enegrecidos do fumo, como cidades a arderem em fogo lento, quando as chamas expiram sobre as suas presas; e dizia-se que esta fumarada no ar geral não era o Verão de São Martinho – o qual não costumava ser uma coisa tão doentia, por mais suave que fosse – mas, em grande parte, era soprada desde florestas distantes, a arder durante semanas, no Vermont; por isso, não era de admirar que o céu estivesse tão aziago quanto o caldeirão de Hécate – e dois desportistas que atravessavam um campo de restolho de trigo saraceno vermelho parecessem o culpado Macbeth e o ominoso Banquo; e o sol eremita, alojado numa caverna de Adulão, bem virada a sul, segundo a sua estação, pouco mais fazia senão, graças ao reflexo indirecto dos estreitos raios disparados por um Desfiladeiro do Simplon





HERMAN MELVILLE

abaixo, entre as nuvens, pintar firmemente um pequeno e redondo sinal cor de morango na face descorada das colinas do Noroeste. Assinalar como uma vela. Uma mancha de brilho onde tudo o resto era sombra.

Ali há fadas, pensei eu; um qualquer círculo assombrado onde as fadas dançam.

O tempo passou; e no mês de Maio seguinte, depois de um leve aguaceiro sobre as montanhas – um pequeno aguaceiro isolado em mares enevoados de brilho do sol; um tal aguaceiro distante – e por vezes dois, três e quatro deles, todos visíveis em conjunto, em partes diferentes – como adoro observar desde a *piazza*, em vez das trovoadas, tal como costumava fazer, que envolvem o velho Greylock como um Sinai, até uma pessoa pensar que o escuro Moisés deve ali estar, a trepar entre cicutas fulminadas; depois daquele leve aguaceiro, afirmo que vi um arco-íris a repousar a sua extremidade mais distante mesmo onde eu tinha notado o sinal durante o Outono. «Ali há fadas», pensei eu; lembrando-me de que os arco-íris trazem consigo as florações e que se uma pessoa consegue chegar ao fim do arco-íris, a sua fortuna fica feita com um saco de ouro. «Acolá, o fim do arco-íris, se eu ali estivesse», pensei. E, não obstante, eu desejava-o por ter agora notado, pela primeira vez, o que parecia ser uma espécie de vale estreito ou gruta, na encosta da montanha; pelo menos, visto através do arco-íris, o que quer que fosse brilhava como a mina de Potosí. Mas um vizinho rotineiro disse não haver dúvida de que aquilo era apenas um velho celeiro qualquer – um daqueles abandonados, com o costado arrombado e uma ladeira íngreme como pano de fundo. Mas, apesar de nunca ali ter estado, eu sabia que era outra coisa.

Uns dias depois, um nascer do sol alegre acendeu uma centelha dourada no mesmo lugar, tal como antes. Essa centelha era tão vívida que parecia poder vir apenas do vidro. Nesse caso, o edifício – se aquilo fosse, afinal, um edifício – poderia, pelo menos, não ser um celeiro e, menos ainda, um celeiro abandonado; com feno bolorento a fermentar ali há dez anos. Não; se fosse algo construído por mortais, aquilo deveria ser uma pequena casa; talvez vazia e desmantelada há muito tempo, mas magicamente mobilada e envidraçada nesta mesma Primavera.

Mais uma vez, ao meio-dia e na mesma direcção, sobre cimos esmaecidos de folhagem em socacos, reparei num brilho ténue mais





amplo, parecido com o de um broquel de prata, fixado na direcção do sol, sobre a cabeça de alguém agachado; brilho ténue esse que, dizia-me a experiência nesses casos, deverá vir de um telhado recentemente renovado. Para mim, isto tornava bastante certa a ocupação recente daquele chalé distante no país das fadas.

Dia após dia, agora cheio de interesse pela minha descoberta, durante o tempo que conseguia poupar à leitura de *Sonho de uma Noite de Verão* e de tudo sobre Titânia, eu olhava ansiosamente para longe, na direcção das colinas; mas em vão. Ou tropas de sombras, uma guarda imperial com um ritmo lento e solene, desfilavam ao longo dos despenhadeiros; ou, destroçadas pela luz que as perseguia, fugiam, espalhadas, de leste para oeste – guerras antigas de Lúcifer e Miguel; ou as montanhas, embora sem serem apoquentadas pelos reflexos destes combates fingidos no céu, tinham uma atmosfera de outro modo desfavorável às visões de contos de fadas. Eu lamentava aquilo; tanto mais porque depois disso tive de permanecer no meu quarto durante algum tempo – quarto esse que não tinha vista para aquelas colinas.

Passado algum tempo, quando voltei a sentir-me suficientemente bem, e estando sentado lá fora, na *piazza*, numa manhã de Setembro, a pensar para comigo, quando, logo a seguir a um pequeno rebanho de ovelhas, os filhos do agricultor passaram juntos por ali, enquanto apanhavam nozes e disseram, «Que dia tão bom» – era, afinal, aquilo a que os pais deles chamam um dia de calma antes da tempestade – e, na realidade, eu tinha-me tornado tão sensível devido à minha doença que não suportava olhar para uma trepadeira chinesa adoptada por mim e que, para meu deleite, ao trepar um poste da *piazza*, irrompera num rebento estrelado, mas agora, se lhe removessem um bocadinho as folhas, mostrava uma gangrena de milhões de estranhos vermes que, alimentando-se destas florações, partilhavam a sua abençoada tonalidade, desconsagrando-a para sempre – vermes cujos germes se tinham, sem dúvida, emboscado no próprio bolbo que com tanta esperança eu plantara: nesta ingrata impertinência da minha cansativa convalescença, estava eu ali sentado; quando, olhando de repente para longe, vi a janela da montanha dourada, deslumbrante como um golfinho do alto mar. Ali há fadas, pensei eu, mais uma vez: a rainha das fadas, à sua janela de fada; era, de qualquer modo, uma qualquer rapariga da montanha feliz; vai fazer-me bem, olhar para ela vai curar-me deste





HERMAN MELVILLE

cansaço. Chega; irei lançar o meu escaler – oh, alegremente, coração! – e distanciar-me, daqui até ao país das fadas – até ao fim do arco-íris, no país das fadas.

Como chegar ao país das fadas, por que estrada, eu não sabia; nem ninguém me conseguia informar; nem sequer um tal Edmund Spenser, que lá tinha estado – assim me escreveu ele –, além do que para alcançar o país das fadas é necessário viajar até lá com fé. Eu tomei o rumo da montanha das fadas e no primeiro dia bom, quando as forças mo permitiram, fui para o meu escaler – um de couro, com pomo alto –, soltei as amarras e naveguei para longe, um viajante livre como uma folha de Outono. Ao amanhecer, e navegando para oeste, semeei a manhã que se me deparava.

Algumas milhas trouxeram-me até perto das colinas; mas isto ainda sem as ter à vista. Eu não estava perdido; pois à beira da estrada, quais postes de sinalização, bastões dourados apontavam, não duvido, o caminho para a janela dourada. Seguindo-os, cheguei a uma região lânguida e solitária, onde os caminhos de erva crescida eram apenas percorridos por gado sonolento que, menos acordado do que agitado durante o dia, parecia caminhar a dormir. Aquelas cabeças não pastavam – os enfeitados nunca comem. Pelo menos, assim o diz Dom Quixote, o mais sábio entre todos os sábios que alguma vez viveram.

Eu prossegui e alcancei, por fim, o sopé da montanha das fadas, mas ainda sem conseguir ver nenhum círculo de fadas. Perante mim, erguia-se uma pastagem. Pousando cinco barrotes a desfazer-se – tão verdes e tão húmidos que pareciam ter sido pescados dos destroços de um naufrágio – um velho Carneiro com peruca, um rosto longo e chifres amassados veio farejar por perto; e então, ao retirar-se, conduziu-me decorosamente ao longo de uma via láctea de erva branca, para lá dos agrupamentos ténues de Plêiades e Híades, de pequenos miosótis; e ter-me-ia conduzido ainda mais longe pelo seu caminho astral não foram os bandos dourados de mariquitas-douradas⁽⁴⁾ – pilotos, certamente, até à janela dourada, de um lado a voarem à minha frente, de arbusto em arbusto, em direcção a bosques cerrados – bosques esses que eram, por si só, atraentes – e, de certo modo, também atraíam, devido à sua vedação, ao proibirem uma estrada sombria que, não

⁽⁴⁾ *Dendroica petechia*. (N.T.)



obstante a sua escuridão, conduzia para cima. Continuei em frente; quando o Carneiro, renunciando a mim por uma alma perdida qualquer, revolteou e foi pelo seu caminho mais sábio. Terreno proibido e proibitivo – para ele.

Uma estrada de madeira invernal, um percurso todo emaranhado de verde-escuro. Ao lado de águas com seixos – águas mais alegres graças à sua solidão; debaixo de ramos de abetos bamboleantes, sem afagos de estação alguma mas ainda completamente verdes, prossegui viagem – eu e o meu cavalo; adiante, perto de uma velha serração, trancada e silenciada com videiras, para que a sua voz desagradável não voltasse a ser ouvida; em frente, junto a uma profunda ravina, tendo aberto caminho através do mármore nívoo, com um matiz primaveril, onde remoinhos da inundação do degelo tinham gerado capelas vazias na rocha viva; em frente, onde, tal como o Baptista, seu homónimo, as arisaemas⁽⁵⁾ pregavam somente à natureza selvagem; em frente, onde um enorme bloco em contrapelo, acamado em fetos, mostrava onde é que, em tempos esquecidos, homem após homem o tinha tentado dividir mas perdeu as suas cunhas em troca do seu esforço – cunhas essas que enferrujavam nos seus orifícios; em frente, onde há tempos imemoriais, em rebordos de uma cascata parecidos com degraus, recipientes côncavos como crânios haviam sido despejados pelo incessante turbilhão de um sílex – permanentemente a desgastar-se mas que estava, ele próprio, como novo; mais adiante, junto a rápidos selvagens, que se derramavam para uma lagoa secreta, mas acalmados por ali circularem durante algum tempo, surgiam serenamente mais adiante; mais adiante, para terreno menos acidentado e junto a um pequeno círculo onde as fadas devem ter dançado ou, então, algum pneu de uma roda deve ter sido aquecido – pois estava tudo despido; ainda mais adiante, acima e fora dali, para um pomar suspenso onde uma lua crescente baixou, desde a manhã, o seu olhar virginal na minha direcção.

O meu cavalo puxou repentinamente a cabeça para baixo. Maçãs vermelhas a reboarem à sua frente; as maçãs de Eva; maçãs sumarentas e ácidas. Ele provou uma e eu outra; aquilo sabia àquele terreno. Ainda não era o país das fadas, pensei eu, arremessando as minhas rédeas para

(5) «*Jacks-in-the-pulpit*», em inglês. «Jack» é o diminutivo de John (N.T.)



uma velha árvore corcovada que encurvava um braço para fora, para as apanhar. Pois agora o trilho estendia-se por onde não havia caminho algum e ninguém poderia ir senão sozinho, e só o conseguindo graças à ousadia. Através de freios de amoras silvestres que me tentavam puxar para trás, embora eu estivesse apenas a esforçar-me em direcção a cultivos infrutíferos de louro-da-montanha; por ladeiras íngremes e escorregadias acima, até alturas áridas, onde não havia ninguém para me dar as boas-vindas. «Ainda não é o país das fadas», pensei eu, «embora a manhã esteja aqui à minha frente».

Cansado e com os pés bastante doridos, não alcancei então o fim da minha jornada, antes tendo rapidamente chegado a um desfiladeiro de montanha escarpado, que mergulhava em direcção a regiões crescentes, ainda mais além. Uma estrada em ziguezague, meio coberta com arbustos de mirtilo, aqui aparecidos entre os penhascos. Havia uma brecha nos seus flancos ásperos; através dela, ramificava-se um pequeno trilho que, subindo aquele curto desfiladeiro, chegava facilmente lá acima, onde o topo da montanha, em parte abrigado a norte por um irmão mais alto, se inclinava ligeiramente de um espaço, antes de se precipitar sombriamente; e aqui, entre rochas fantásticas, detendo-se numa manada, o trilho das pegadas, percorrido até meio, acabava numa pequena casa cinzenta e com pisos baixos, rematada e parecida com uma freira, com um telhado pontiagudo.

Num dos seus declives, o telhado estava profundamente manchado pelo clima e quase todas as suas goteiras turfosas estavam cobertas de veludo; sem dúvida que os caracóis-monge ali fundaram priorados musgosos. O outro declive fora recentemente coberto com telhas novas. No lado norte, sem portas nem janelas, as ripas de madeira, que nunca tinham visto uma pintura, ainda estavam verdes como o lado norte de pinheiros com líquenes ou cascos sem cobre de juncos japoneses numa calmaria. A base inteira, tal como a das rochas vizinhas, estava orlada em seu redor por veios sombreados do mais rico torrão de relva; pois com as pedras da lareira do país das fadas, a rocha natural, embora abrigada, preserva até ao fim, tal como acontece nos campos abertos, o seu encanto fertilizador; só que, por necessidade, agora trabalha numa remoção, para o relvado lá fora. Pelo menos assim diz Oberon, uma autoridade importante em assuntos de fadas. Ainda que, não considerando Oberon, seja certo que, mesmo no mundo

